

Até há poucos anos, as amiloidoses eram conhecidas apenas do ponto de vista clínico e se classificavam segundo sua forma de apresentação, segundo sua origem geográfica ou racial (amiloidose portuguesa, dinamarquesa, etc.). Logo no início da década de 50, o ilustre médico português Corino de Andrade apresentou a sua primeira descrição da “doença dos pezinhos”, nos pacientes da região trasmontana da Póvoa do Varzim, em Portugal, publicada na revista *Brain*. Ao longo dos anos Corino de Andrade e seus discípulos vem se dedicando ao estudo desta forma de amiloidose primária e continuam a apresentar seus relatórios na literatura neurológica. Muitas outras formas de amiloidose, seja primária ou secundária, foram estudadas, mas apenas após o esclarecimento das particularidades bioquímicas do material amilóide foi possível se entender melhor o mecanismo patogênico e se elaborar uma classificação mais racional, baseada na natureza proteica do defeito básico. Annes e colaboradores (“Amiloidose”) apresentam uma revisão sobre os aspectos de classificação, apresentação clínica e detalhamento bioquímico das amiloidoses, com as propostas terapêuticas adequadas a cada tipo.

O mapeamento eletrencefalográfico cerebral, a análise quantitativa do EEG e a eletrencefalografia computadorizada vem ganhando no Brasil uma popularidade incomum, quando comparada aos centros americanos e europeus. Há razões muito peculiares ao nosso país para este fato. Os neurofisiologistas clínicos de boa formação técnica e profissional vêm demonstrando uma grande preocupação com a proliferação das “máquinas de fazer EEG colorido”. A Sociedade Brasileira de Neurofisiologia Clínica já demonstrou também esta preocupação. O nível de informação que boa parte dos neurologistas recebe acerca desta nova metodologia ainda é reduzido. A idéia de que a análise computadorizada da atividade bioelétrica cerebral e o mapeamento cerebral obtido com este equipamento são mais simples de se interpretar é errônea, porém facilmente vendida pelos produtores. O conceito de que o mapeamento cerebral veio substituir a eletrencefalografia clássica não digital também não procede. Há a necessidade de um neurofisiologista de boa experiência fazendo a análise visual do traçado, selecionando as épocas do traçado a serem analisadas para que um mapeamento adequado seja produzido. De outra maneira, cada vez mais se criarão os “mapeiros”, apenas atentos ao mercado e não ao traçado. As indicações mais precisas ainda estão se delineando. Nadia I.O.Braga, grande estudiosa deste novo método nos traz um trabalho enfocando justamente os aspectos técnicos e de aplicações clínicas da análise computadorizada do EEG (“Análise Quantitativa do Eletrencefalograma: Aspectos Técnicos e Aplicações Clínicas”). Merece ser lida por todos que solicitam investigação eletrencefalográfica a seus pacientes.

Um número considerável de indivíduos na população geral padece de sonolência excessiva diurna, pelos motivos mais diversos. Os problemas trazidos pela diminuição da vigília, pela

distração, tem sido cada vez mais enfatizados. Descuidos na operação de instrumentos ou equipamentos, por pessoas desatentas como consequência de distúrbios do sono, tem sido apontados como os fatores geradores de grandes catástrofes. O acidente nuclear da usina de Chernobyl, o derramamento maciço de petróleo bruto nas costas geladas do Alasca, numa hecatombe ambiental produzida pelo superpetroleiro Exxon Valdez e alguns acidentes aéreos em todo o mundo são apenas alguns exemplos, onde indivíduos de alta capacitação técnica e larga experiência tem seu julgamento distorcido num momento de sonolência. Silva e colaboradores nos trazem uma interessante revisão enfocada justamente nestas consequências trágicas ("Sonolência Excessiva e suas Consequências"). As principais causas, listadas na Classificação Internacional dos Distúrbios do Sono, são analisadas e apresentam sugestões fisiopatológicas e de tratamento.

Nos últimos anos, o tratamento da doença de Parkinson vem sofrendo modificações, com mudanças nas estratégias farmacológicas produzidas pelo melhor conhecimento das drogas e suas complicações, assim como pela pesquisa ou a introdução de novos agentes farmacológicos. As novas técnicas cirúrgicas tem permitido um novo alento a muitos pacientes e serão abordadas em números futuros de nossa revista. Drogas que agem no sistema enzimático da catabolização da dopamina, atuando sobre a MAO (A ou B) ou a COMT, tem sido utilizadas e muitos novos compostos estarão sendo introduzidos no mercado farmacêutico nos próximos anos. O conceito de neuroproteção aplicado ao tratamento da doença de Parkinson também vem sendo estudado cada vez de maneira mais consistente. Achamos importante que os neurologistas tenham um contacto com este assunto, familiarizando-se com as novas propostas terapêuticas que se oferecem para seus pacientes. Andrade e Ferraz, em seu artigo "Inibição Enzimática, Neuroproteção e Tratamento da Doença de Parkinson", nos remetem aos novos dados sobre este tema.

O nosso artigo original deste número é uma revisão primorosa de Sanabria e colaboradores ("O Uso de Fatias de Tecido Cerebral [*brain slices*] no Estudo da Epilepsia do Lobo Temporal"). Este é um artigo com material científico básico do mais alto nível, procurando apresentar os conhecimentos atuais da função sináptica, das propriedades celulares e biofísicas dos neurônios envolvidos na gênese da epilepsia do lobo temporal, a partir de técnica moderna de eletrofisiologia em fatias vivas do hipocampo de animais. Os nossos leitores, já acostumados com o enfoque clínico que nossos artigos geralmente trazem, poderiam perguntar a razão de incluirmos material de pesquisa básica. A epilepsia do lobo temporal se constitui num dos campos ainda problemáticos para o sucesso terapêutico na população epilética. As drogas antiepiléticas tem sido introduzidas a conta-gotas no nosso arsenal terapêutico, ao longo dos anos. Urge que se apresentem novas técnicas que permitam um melhor esclarecimento dos fenômenos básicos, de modo a propiciar a criação de novas drogas mais úteis que as atuais. O intuito da revisão é o de trazer aos clínicos as informações sobre o *status quo* destes novos conhecimentos e dos possíveis desdobramentos que no futuro poderão advir, propiciando a criação de novas linhas de medicamentos.

Como sempre, esperamos que os leitores apreciem e aproveitem o conteúdo de nossos artigos.

Luiz Augusto Franco de Andrade
Elíova Zukerman